



Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 12/03/2026** | **aceito: 14/03/2026** | **publicação: 16/03/2026**

O Romance Angolano Como Instrumento De Enriquecimento Lexical No Domínio Dos Verbos: Uma Viagem Pela Produção Escrita Do Pós-Independência

The Angolan Novel As An Instrument Of Lexical Enrichment In The Domain Of Verbs: A Journey Through Post-Independence Written Production

Henriques Samuel - Faculdade de Humanidades da UAN) <https://orcid.org/0009-0002-1830-2579>

Tomás Tchakuma - Faculdade de Humanidades da UAN <https://orcid.org/0009-0007-6567-5841>

Frederico Samuel - Faculdade de Humanidades da UAN <https://orcid.org/0009-0004-6980-5728>

Resumo

O presente artigo analisa o romance angolano como instrumento privilegiado para o enriquecimento do léxico verbal no ensino secundário, tomando como referência a produção romanesca angolana do pós-independência. Partindo do pressuposto de que o léxico, em particular o verbo, constitui um elemento central da competência comunicativa, o estudo defende a leitura literária como estratégia eficaz para a ampliação vocabular e para a apropriação contextualizada das unidades lexicais. Metodologicamente, procede-se à análise de verbos recorrentes em romances angolanos seleccionados, evidenciando a sua diversidade semântica, expressividade e valor didáctico. A investigação culmina na proposta de um glossário de verbos extraídos da literatura nacional, concebido como recurso de apoio ao ensino da língua portuguesa. Os resultados indicam que o romance angolano, para além do seu valor estético e cultural, apresenta um elevado potencial pedagógico, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa do léxico verbal e para o reforço das competências linguísticas dos alunos da escola angolana.

Palavras-chave: léxico verbal; romance angolano; leitura literária; competência comunicativa.

Abstract

This article analyzes the Angolan novel as a privileged instrument for enriching verbal vocabulary in secondary education, taking as a reference the Angolan novelistic production of the post-independence period. Starting from the premise that vocabulary, particularly verbs, constitutes a central element of communicative competence, the study defends literary reading as an effective strategy for vocabulary expansion and contextualized appropriation of lexical units. Methodologically, it proceeds with the analysis of recurring verbs in selected Angolan novels, highlighting their semantic diversity, expressiveness, and didactic value. The research culminates in the proposal of a glossary of verbs extracted from national literature, conceived as a resource to support the teaching of the Portuguese language. The results indicate that the Angolan novel, in addition to its aesthetic and cultural value, presents a high pedagogical potential, contributing to a more meaningful learning of verbal vocabulary and to the strengthening of the linguistic skills of students in Angolan schools.

Keywords: verbal vocabulary; Angolan novel; literary reading; communicative competence.

Introdução

O léxico constitui um dos pilares centrais da competência comunicativa, na medida em que sustenta a capacidade de compreender, interpretar e produzir discursos adequados aos mais diversos contextos socioculturais. Entre as várias classes de palavras, o verbo ocupa um lugar de particular relevo, por funcionar como núcleo semântico e sintático da frase, estruturando relações de tempo, aspecto, modo e valência, além de veicular ações, estados e processos fundamentais para a construção do sentido. Assim, o domínio do léxico verbal revela-se determinante no desenvolvimento das

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 12/03/2026 | aceito: 14/03/2026 | publicação: 16/03/2026

competências linguísticas dos alunos do ensino secundário, tanto ao nível da oralidade como da escrita.

A leitura literária, em particular, distingue-se por oferecer ao leitor um contacto rico e variado com a língua em uso, explorando recursos expressivos, variações estilísticas e escolhas lexicais que dificilmente se encontram em textos meramente utilitários ou escolares.

É neste contexto que o romance angolano se firma como um instrumento pedagógico de elevado potencial. A produção romanesca angolana do pós-independência reflete não apenas a evolução histórica, social e cultural do país, mas também uma notável riqueza linguística, marcada pela criatividade lexical, pela expressividade verbal e pela convivência dinâmica entre o português e as línguas nacionais. Os romances angolanos constituem, assim, um repositório privilegiado de verbos que traduzem ações, emoções, conflitos e visões do mundo próprias da realidade angolana, oferecendo aos alunos oportunidades significativas de contacto com usos verbais diversificados e semanticamente densos.

Apesar dessa riqueza, o ensino do léxico verbal nas escolas angolanas continua, em muitos casos, limitado a abordagens normativas e descontextualizadas, centradas em listas de verbos ou em exercícios mecânicos, pouco articulados com práticas reais de leitura e produção textual. Tal situação reduz o impacto do ensino do vocabulário e dificulta a apropriação efetiva das unidades lexicais pelos alunos.

Deste modo, o trabalho procura contribuir para uma articulação mais efetiva entre literatura e ensino da língua portuguesa, valorizando o romance angolano não apenas como objeto estético e cultural, mas também como recurso didático capaz de promover uma aprendizagem lexical mais significativa, contextualizada e alinhada com a realidade linguística e cultural da escola angolana.

Léxico e aquisição verbal

O estudo do léxico e da aquisição verbal situa-se no cerne da linguística e da psicologia do desenvolvimento, envolvendo a intersecção entre aquisição de vocabulário e desenvolvimento da competência comunicativa. O léxico, entendido como o conjunto de unidades lexicais de uma língua, constitui o substrato para a produção e compreensão verbal, sendo fundamental para a construção de significado e para a interação social (Bauer, 2003).

Segundo Clark (2003), a aquisição lexical em crianças é um processo cumulativo que envolve a associação entre significantes e significados, mediada por experiências sociais, cognitivas e contextuais. A aprendizagem de palavras não ocorre de forma isolada, ela depende da exposição repetida, da capacidade de inferência semântica e da interação com interlocutores mais experientes, como os professores.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 12/03/2026 | aceito: 14/03/2026 | publicação: 16/03/2026

A relação entre léxico e aquisição verbal é particularmente evidente nas fases iniciais do desenvolvimento da linguagem. Estudos de Bloom (2000) indicam que a expansão do vocabulário está intimamente ligada ao desenvolvimento de estruturas sintáticas e morfossintáticas, sugerindo que o domínio lexical facilita a produção verbal mais complexa. Isto é, quanto maior o léxico ativo da criança, maior a sua capacidade de formular enunciados gramaticalmente corretos e semanticamente ricos.

Outrossim, a abordagem cognitivo-construtivista, inspirada em Piaget (1975), evidencia que a aquisição verbal é condicionada pelo desenvolvimento das estruturas cognitivas da criança. A capacidade de categorizar, abstrair e generalizar conceitos influencia diretamente a aprendizagem de novas palavras e expressões. Vygotsky (1987), por sua vez, destaca a dimensão social do processo, argumentando que a linguagem e o léxico se desenvolvem no contexto de interações mediadas socialmente, nas quais a criança internaliza termos através da comunicação e da instrução dirigida. Dito de outro modo, palavras de alta frequência e de relevância contextual tendem a ser adquiridas mais rapidamente, enquanto termos mais abstratos ou raros requerem estratégias de aprendizagem mais complexas.

Neste sentido, a aquisição verbal não se reduz à simples memorização de palavras; ela depende de uma interação dinâmica entre competências cognitivas, experiências sociais e o léxico disponível, constituindo-se como um processo contínuo e multifacetado. Assim, a integração destes fatores evidencia que o léxico é não apenas um repositório de palavras, mas também um motor essencial para o desenvolvimento da linguagem e da comunicação eficaz.

Ensino do vocabulário em contexto literário

O ensino do vocabulário em contexto literário constitui uma abordagem estratégica para o desenvolvimento da competência linguística e da literacia. O vocabulário é um componente central da compreensão textual e da produção verbal, sendo essencial para que o leitor possa interpretar, inferir e apreciar obras literárias de forma crítica (Ferreira, 2006).

Segundo Damiani (2001), o contexto literário fornece situações autênticas de uso da língua, permitindo que o aprendiz não apenas memorize palavras isoladas, mas compreenda o seu significado em relação à narrativa, às personagens e às situações apresentadas. Esta abordagem integra as dimensões semântica, pragmática e estilística da língua, favorecendo uma aprendizagem mais significativa.

O uso de estratégias ativas de ensino, como a exploração de metáforas, sinônimos, antônimos e expressões idiomáticas, tem-se revelado eficaz na ampliação do léxico do aluno (Silva, 2010). Além disso, a leitura orientada de textos literários possibilita a expansão do vocabulário passivo e ativo,

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 12/03/2026 | aceito: 14/03/2026 | publicação: 16/03/2026
estimulando a internalização de palavras e expressões em contextos comunicativos variados.

Para Kato (2003), o ensino do vocabulário, em literatura, deve articular-se com atividades de compreensão e interpretação textual, pois a aprendizagem lexical não é apenas mecânica, mas mediada pela construção de sentido. A exploração de textos literários permite, portanto, que os alunos percebam nuances semânticas, registos de língua e construções sintáticas, reforçando simultaneamente a competência linguística e literária.

Assim, ensinar vocabulário em contexto literário significa proporcionar experiências ricas de linguagem, nas quais os alunos aprendem palavras e expressões integradas em significados complexos e culturalmente situados, fortalecendo a compreensão leitora e a capacidade de expressão verbal.

O verbo como núcleo semântico da frase: implicações didáticas no contexto angolano

A compreensão do verbo como núcleo semântico da frase possui implicações diretas no ensino da gramática, sobretudo em contextos multilíngues como o angolano, onde o português é língua oficial e de escolarização, coexistindo com diversas línguas nacionais, ou seja, de origem bantu. Ensinar o verbo não deve restringir-se à identificação morfológica (tempo, modo, conjugação), devendo privilegiar a sua função estruturante na construção do sentido.

Por exemplo, numa frase como “*O jovem resistiu à guerra*”, o verbo *resistir* não apenas indica uma acção, mas activa um campo semântico ligado à oposição, à persistência e ao conflito, aspectos recorrentes na literatura angolana e essenciais para a interpretação do enunciado.

Segundo Mateus et al. (2003), o verbo projeta a estrutura argumental da frase, determinando os elementos necessários à sua completude semântica. No plano didático, isso implica que o professor deve orientar o aluno a compreender como o verbo organiza os participantes do enunciado (quem faz, o que faz, a quem, como, quando, onde), uma abordagem que favorece a articulação entre análise sintática e construção de significado.

Assim, em frases como “*A mãe confiou o filho à avó*”, o verbo *confiar* exige a presença de um sujeito agente, de um objeto direto e de um complemento indireto, permitindo ao aluno perceber que a ausência de um desses elementos compromete o sentido global da frase.

No contexto angolano, muitos alunos têm como língua materna uma língua bantu e aprendem o português como segunda língua, realidade que pode gerar interferências estruturais, sobretudo na concordância verbal, na regência e na seleção argumental. Conforme sublinham Cunha e Cintra (2014), o verbo estabelece relações sintáticas fundamentais que garantem a coesão frásica. Assim, o ensino deve incluir atividades que evidenciem essas relações em contextos reais de uso, e não apenas em frases descontextualizadas.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 12/03/2026 | aceito: 14/03/2026 | publicação: 16/03/2026

É frequente, por exemplo, encontrar construções como “*As pessoas vive no bairro*”, em que a dificuldade de concordância verbal interfere na coesão da frase, evidenciando a necessidade de um ensino que relacione o verbo ao sujeito em contextos reais de uso.

Numa perspectiva funcional, Castilho (2010) defende que a gramática deve ser ensinada em articulação com o texto e o discurso. Aplicado ao ensino angolano, isso significa trabalhar o verbo a partir de gêneros textuais presentes no cotidiano do aluno — entre os quais o romance — permitindo compreender o papel do verbo na progressão temática e na organização do discurso.

Num excerto narrativo como “*Durante anos, o povo esperava a mudança*”, o uso do pretérito imperfeito (*esperava*) contribui para a construção de uma ideia de duração e expectativa coletiva, aspecto que se perderia caso o verbo fosse substituído por um tempo pontual, como *esperou*.

Esta abordagem contribui para uma aprendizagem reflexiva, permitindo que o aluno compreenda o verbo como elemento central da organização do sentido e não apenas como categoria gramatical a memorizar.

Ao analisar por que razão um autor opta por verbos como *bazar*, *desconseguir*, *catanar* ou *bodar*, o aluno passa a relacionar escolhas verbais com intenções discursivas e valores simbólicos presentes no texto literário.

Finalmente, no contexto educativo angolano, o ensino do verbo deve articular estrutura, significado e uso, promovendo uma gramática contextualizada e funcional, capaz de fortalecer a competência comunicativa e reduzir dificuldades associadas ao bilinguismo escolar, uma vez que, no contexto angolano, muitos falantes aprendem o português como língua segunda, tendo uma língua bantu como materna.

Nesse sentido, atividades que envolvam a produção de pequenos textos narrativos baseados em romances angolanos permitem ao aluno mobilizar verbos adequados ao tempo, ao modo e ao contexto discursivo, consolidando simultaneamente a aprendizagem gramatical e a expressão significativa.

O romance angolano: um recuo ao passado

A Literatura angolana tem se apresentado como um espaço fértil de manifestação cultural em todas as vertentes. O autor angolano usa a escrita para criticar, recrear, e elevar a arte angolana a lugares onde há leitores que se interessem por literaturas africanas e não só.

Neste espaço de fazer literatura, encontramos todo um fenômeno que o autor não pode deixar à mercê do acaso. O autor angolano está dentro de Angola e, obviamente, é influenciado a escrever o que há em Angola; o seu pensamento é influenciado pela atmosfera social, cultural e política nessa terra.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 12/03/2026 | aceito: 14/03/2026 | publicação: 16/03/2026

Deste modo, nasce a preocupação de reflectirmos à volta do léxico verbal da Língua Portuguesa presente nos romances da Literatura angolana: uma literatura recheada de contos tal como viria escrever Leite (s.d, p. 24) “conto foi e continua a ser, muitas vezes, encarado como a “forma” adequada, o instrumento narrativo por excelência africano”.

Em princípio, far-se-á numa abordagem ligada ao marco do romance angolano, já que todo africano tem uma ligação imanente do conto por força da tradição oral, apanágio das culturas ágrafas; Boaventura Cardoso, exímio escritor angolano, é dos muitos que também emprestou sua escrita ao conto, fazendo jus ao pensamento de Ana Mafalda Leite, porém, abraça outro desafio na narrativa angolana mais voltado ao romance, tal como atesta (Saraiva, 2016, p. 60) :

a passagem do gênero conto para o romance em Boaventura se deu de modo premeditado e, dito poeticamente, por certa necessidade de libertar o romance preso no corpo do conto. Segundo consta em sua breve autobiografia (Chaves; Macedo; Mata, 2005, p. 17-22), o autor recorda o comentário de Laura Padilha, nos idos anos 80, quando, ao falar com o escritor sobre seu conto “A morte do velho Kipacaça” (Cardoso, 1987), apontou que havia ali um “romance atrofiado”. Ele confessa então que essas palavras o levaram a refletir, a mudar de rumo e ficar à vontade no gênero mais largo (Chaves; Macedo; Mata, 2005). No entanto, jamais deixamos de ouvir as histórias curtas, agora contidas na forma maleável do romance, ou, para usarmos um termo bakhtiniano, “romancizadas”.

À semelhança de Boaventura, temos outros tantos que sofreram essa metamorfose literária; porém alguns ainda continuam, alternadamente, nos dois gêneros, um dos casos antigos conhecido é de Soromenho que: começando sua atividade literária com temas que mergulham nas vidas das sociedades tribais em que o branco se encontra ainda ausente, publica os livros de *conto Nhari, Calenga e Rajada, e os Romances Noites de Angústia e Homem sem Caminho*,[...] e *Terra Morta* (Ervedosa, s.d, p. 59) .

Características linguísticas do romance angolano

A componente linguística da literatura angolana segue o paradigma da variedade angolana da Língua Portuguesa, pelo que tende a ser diferente da variedade padrão europeia sobretudo no que diz respeito a variantes lexical e sintática, marcadas pela oralidade, que os autores procuram trazer à escrita, a grande questão é: será que tende a conservação da africanidade a continuidade dessas marcas de oralidade? Tal como indaga Leite (s.d, p. 26): “será que a ausência dos traços da oralidade retira a africanidade a uma obra? ”.

No âmbito do presente estudo, parte-se do pressuposto de que essas marcas de oralidade constituem um contributo relevante para a ampliação e diversificação do léxico verbal dos leitores. O romance angolano, ao contrário de uma escrita rigidamente normativizada, apresenta verbos,

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 12/03/2026 | aceito: 14/03/2026 | publicação: 16/03/2026

construções e valores semânticos que refletem usos vivos da língua, favorecendo uma aprendizagem contextualizada e funcional do vocabulário.

Para uma análise representativa das características linguísticas do romance angolano, selecionaram-se duas obras cujos autores pertencem a gerações distintas: Pepetela, Prémio Camões, com o romance *O quase fim do mundo*, e Basílio Tchindombe, autor contemporâneo, com *O que a África não disse*, distinguido com o Prémio António Jacinto. A escolha destas obras permite observar a continuidade e a transformação das marcas linguísticas angolanas ao longo do tempo, bem como a sua produtividade lexical:

Quase fim do mundo (Pepetela)

1.1 - *Quando é afinal a viagem?* (Pepetela, *O Quase fim do mundo*, 2014, p. 185)

1.2 - *Vim só ver como estavam as coisas.* (p. 186)

1.3 - *Não me parece que tenha fome, mas vou parar aí num sítio qualquer para lhe dar um bocado de carne.* (p. 194?)

1.4 *Uma das mais picantes versões diz que Ísis desconsseguiu de encontrar o membro viril do marido* (p. 196).

1.5-*Quando era miúdo fiz uma coisa horrível. Conto-te porque estamos aqui a passear e é preciso contar coisas* (p.197).

***O que a África não disse* (Tchindombe, 2008, pp. 22-23)**

2.1 – *Falta muito para chegarmos?* – Perguntou o padre desesperado, os seus pés inflamados.

2.2 – *Falta pouco. Já chegamos.*

2.3 – *Quanto tempo falta?*

2.4 – *Quando o sol chegar ali.*

2.5 – *Dormimos aqui, amanhã padre vai sozinho, eu volto pra Benguela.*

2.6 - *A aldeia fica atrás da montanha.*

2.7 – *Não padre. Precisa descansar, se eles quiserem matar padre, não vai conseguir fugir porque tá cansado. Quando sol sair, padre vai lá.*

Nos excertos retirados de *O quase fim do mundo*, evidenciam-se usos lexicais e verbais que ilustram a expressividade da variedade angolana do português. No ponto 1.1, a expressão “afinal” afasta-se do seu sentido nuclear de conclusão para assumir um valor discursivo próximo de “então”, funcionando como marcador temporal e pragmático. No ponto 1.2, o advérbio “só” adquire um valor modal equivalente a “simplesmente”, contribuindo para a atenuação da acção verbal. Já no ponto 1.3, a expressão “um bocado” remete para uma quantidade modesta, uso frequente na oralidade, com forte carga avaliativa. No ponto 1.4, o adjetivo “picantes” não se refere a sabor, mas a conteúdos de foro íntimo, revelando um alargamento semântico típico do discurso coloquial. Por fim, no ponto 1.5, as expressões “miúdo” e “contar coisas” apresentam valores semânticos próximos de “rapaz” e

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 12/03/2026 | aceito: 14/03/2026 | publicação: 16/03/2026

“conversar sobre diversos assuntos”, reforçando a naturalidade oral da narração.

Nos excertos de *O que a África não disse*, observam-se igualmente marcas linguísticas significativas. No ponto 2.1, a expressão “Falta muito para chegarmos?” assume valor temporal, embora a estrutura frásica se apresente sintaticamente reduzida, espelhando o ritmo da oralidade. No ponto 2.4, a referência ao sol como marcador espacial e temporal (“Quando o sol chegar ali”) revela uma concepção empírica do tempo e do espaço, associada ao contexto sociocultural das personagens. No ponto 2.6, a localização “atrás da montanha” ativa um sentido direcional que pode ser interpretado como “para além da montanha”. Já no ponto 2.7, a generalização “matar padre” cria uma ambiguidade semântica, que, no plano discursivo, se refere concretamente ao padre Álvaro, evidenciando um uso económico e contextual do léxico.

À luz da variedade linguística angolana, e desconsiderando a componente fonológica, estas ocorrências demonstram que o romance angolano não apenas preserva marcas de oralidade, mas transforma-as em recurso literário e pedagógico. Longe de empobrecer a escrita, tais marcas enriquecem o léxico verbal, ampliam os valores semânticos dos verbos e favorecem a construção de sentidos culturalmente situados. Deste modo, confirma-se a pertinência da afirmação de Leite (idem), segundo a qual a oralidade constitui uma marca indelével da literatura africana, sendo, no caso do romance angolano, um elemento estruturante da sua riqueza linguística e do seu potencial didático.

Importa referir que o verbo não encerra um sentido qualquer sem a sua regência, o verbo encerra sempre um sentido de acordo com o contexto e a regência usada, daí que: “ele é a palavra cuja presença caracteriza o que se denomina “oração”. Na aceção ampla de regência, o verbo (não sendo “de ligação”: *ser*, *estar* e semelhantes) rege todos os termos da oração. ' na aceção restrita, rege os complementos”. (Luft, 2010, p. 6).

Deste modo, destacam-se alguns usos verbais significativos nos excertos analisados. No ponto 1.2, a forma verbal “*estavam*”, embora morfologicamente situada no pretérito imperfeito, assume valor de presente discursivo, fenómeno recorrente no linguajar popular angolano, sobretudo na oralidade, onde essa forma verbal é frequentemente utilizada para descrever estados atuais ou situações em curso. No ponto 1.4, a forma verbal “*desconseguiu*”, amplamente usada na língua coloquial, apresenta o sentido de “não conseguir concluir” ou “desistir”, evidenciando um processo de extensão semântica que enriquece o léxico verbal e reflete a criatividade linguística dos falantes. Já no ponto 2.2, a forma verbal “*chegamos*” é empregue com valor prospectivo, aproximando-se semanticamente de um futuro imediato, o que ilustra a flexibilidade temporal do verbo em contextos de oralidade representada. Por fim, no ponto 2.5, a forma verbal “*dormimos*” assume a aceção de “passar a noite”, uso corrente no português angolano, em que o verbo *dormir* se afasta do seu sentido estrito de repouso físico para adquirir um valor locativo-temporal.

Estes exemplos demonstram que os textos literários angolanos se encontram impregnados de

Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 12/03/2026** | **aceito: 14/03/2026** | **publicação: 16/03/2026**

variedades linguísticas marcadamente angolanas, nas quais o verbo desempenha um papel central na construção do sentido. Tal riqueza contribui não apenas para a expressividade estética do romance angolano, mas também para o enriquecimento do léxico da Língua Portuguesa no seu todo, reforçando o valor da literatura nacional como fonte privilegiada para o estudo e o ensino do léxico verbal.

O romance angolano como laboratório de enriquecimento verbal

A observação sistemática do léxico verbal nos romances angolanos do pós-independência demonstra que a literatura não se limita a refletir a oralidade social: ela funciona como um verdadeiro laboratório de estabilização lexical, no qual, formas inicialmente marcadas pela fala cotidiana se consolidam, ganham densidade semântica e passam a integrar um patrimônio linguístico reconhecível. No domínio dos verbos, este processo revela-se particularmente produtivo, pois o verbo, enquanto núcleo predicativo da frase, concentra valores aspetuais, pragmáticos e socioculturais que tornam visível a experiência histórica angolana.

O verbo *bazar*, amplamente atestado na oralidade urbana, exemplifica esse mecanismo de *literarização* do uso popular. Em *Quem me dera ser onda*, de Manuel Rui, a forma “bazou” não significa apenas “sair”, mas incorpora a ideia de fuga estratégica, motivada pelo medo e pela instabilidade da guerra. O verbo passa, assim, de um simples marcador de deslocação para um operador semântico que condensa o clima de insegurança vivido durante o conflito armado, revelando como a narrativa transforma um *angolanismo* lexical num signo histórico.

Mas em que guerras é que o camarada combateu, se mesmo quando esteve a fenelá bazou de casa e só veio quando acabaram os bombardeamentos? (Rui, 1991, p. 14)

O verbo aparece também em:

Esperou ainda um pouco, a arma apontada. Se o pargo mexesse, podia apresentar-lhe o flanco, tiro seguro. Mas o peixe observava-o, sem intenção de se mexer. Anda lá, assusta-te, tenta bazar. (Pepetela, *A Geração da Utopia*, 2013, p. 158)

Processo semelhante ocorre com *gamar*, em *Bom dia Camarada*, de Ondjaki, onde o verbo ultrapassa o sentido neutro de “roubar” e se associa a práticas de sobrevivência e astúcia infantil num contexto de escassez. A escolha verbal não é aleatória: ao preferir *gamar* em detrimento de roubar, o texto inscreve uma perspectiva cultural específica, aproximando o leitor do universo simbólico angolano e ampliando o repertório lexical disponível.

— *Sem ninguém a tomar conta? Como assim?* — *ela não tinha percebido.*

— *Sim, ninguém gama essas tartarugas?*

A Paula riu, mas riu porque não conhecia o Murtala, que tinha uma técnica silenciosa de gamar mambos, mesmo que fossem animais. (Ondjaki, *Bom dia, camarada*, 2001, p. 12)

Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 12/03/2026** | **aceito: 14/03/2026** | **publicação: 16/03/2026**

No plano da pragmática discursiva, verbos como *estigiar* evidenciam a força da oralidade juvenil na escrita literária. A provocação verbal, o gozo e a troça ganham expressão verbal própria, funcionando como marcas identitárias de geração e espaço. A literatura, ao legitimar esse uso, impede que tais formas permaneçam confinadas à fala informal, conferindo-lhes estatuto textual e valor pedagógico no ensino do léxico verbal.

— *O vosso presidente anda a pé? — até desatei a rir. — Epá, tenho que contar essa aos meus colegas!, ainda querem **estigiar** os presidentes africanos... Presidente em África, tia, só anda já de Mercedes, e à prova de balas. ((Ondjaki, Bom dia, camarada, 2001, p. 19))*

Também *matabichar*, frequente na mesma obra (e noutras), ilustra a integração de realidades culturais específicas na estrutura verbal do português angolano. O verbo não designa apenas a ação de tomar o pequeno-almoço, mas ativa um conjunto de práticas sociais, hábitos alimentares e rotinas cotidianas que enriquecem semanticamente o texto e, simultaneamente, o léxico do leitor.

*Não ia poder **matabichar** leite com café, como todos dias de manhã, porque como ficava nervoso no primeiro dia de frequências, o leite com café provocava cólicas. Nesses dias bebia chá. E eu gostava de ter que ir ao jardim buscar chá de caxinde assim mesmo arrancado na hora, embora algumas pessoas gostem mais de secar primeiro (Ondjaki, Bom dia, camarada, 2001, p. 36) .*

O uso intensivo de *zunir*, com valor aspetual de rapidez e continuidade, confirma a capacidade do romance angolano para reconfigurar verbos do português comum, adaptando-os às necessidades expressivas locais. O efeito não é meramente estilístico: trata-se de um alargamento semântico que reforça a expressividade narrativa e demonstra a plasticidade do sistema verbal.

*Descemos a Praia do Bispo, a avenida tinha acabado de ser arranjada porque há pouco tempo o camarada presidente tinha passado por ali, e como o camarada presidente passa sempre a **zunir**, com motas e tudo, normalmente as estradas são asfaltadas por causa disso, há muita gente que gosta que o camarada presidente passe na rua deles porque num instantinho desaparecem os buracos e às vezes até pintam os traços da estrada. ((Ondjaki, Bom dia, camarada, 2001, p. 17))*

Em *Geração da Utopia*, o verbo *muxoxar* revela a dimensão pragmática do gesto mínimo. Ao designar o ruído de desdém produzido com a boca, o verbo materializa um acto discursivo não verbal que carrega julgamento social, desaprovação e tensão. A personagem que “muxoxa” não precisa de verbalizar a crítica: o som basta para marcar posição. Pepetela integra este verbo como instrumento de caracterização psicológica e de dramatização das relações interpessoais, mostrando que, no universo angolano, a comunicação ultrapassa o plano estritamente verbal e incorpora códigos gestuais e sonoros culturalmente reconhecíveis.

*Aníbal ouvia e mirava Nina, que aparecia para vigiar a panela, lhe olhava de lado e depois voltava para dentro, quase **muxoxando** de raiva. Ximbulo explicava, no tempo do colono não era assim, havia fiscalização sobre os barcos, esses grandalhões nem que se podiam*

Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 12/03/2026** | **aceito: 14/03/2026** | **publicação: 16/03/2026**

aproximar da costa, eram logo topados. (Pepetela, A Geração da Utopia, 2013, p. 186).

Na mesma obra, *lerpar* assume uma polissemia reveladora. O verbo pode significar morrer, perder ou escapar, dependendo do contexto enunciativo. No excerto citado, “ia lerpar na tortura” associa a morte à violência política, condensando numa única forma verbal o destino trágico do militante capturado. A escolha de *lerpar* em vez de *morrer* não é neutra: confere oralidade, crueza e fatalismo à narrativa, reforçando o clima de perseguição e instabilidade que atravessa o período pós-colonial. O verbo torna-se, assim, marcador de historicidade.

Pensavam, é claro, que ele fazia parte do suposto grupo de reconhecimento. Ia lerpar na tortura, para contar toda a verdade e nada mais que a verdade. A verdade que eles queriam ouvir, na sua nunca acreditariam. Ainda dizem que não há tipos com sorte! Toda a sua vida tivera sorte, porque sabia jogar com ela. (Pepetela, A Geração da Utopia, 2013, p. 134).

Já *refilar* e *aguentar* revelam processos de ampliação pragmática, nos quais, verbos existentes no português europeu adquirem, em Angola, maior densidade discursiva. Refilar deixa de ser apenas queixar-se pontualmente e passa a designar uma prática discursiva recorrente, quase ritualizada; aguentar ultrapassa o domínio físico e assume o valor de tolerância social e resistência moral, especialmente em contextos de violência ou injustiça.

Refilar:

“o porco achou a matéria nova (...) parecia não **refilar** mais” (Rui, 1991, p. 16)

— Não é só isso, Ró, isso é só o começo... Todos os anos saem pessoas das turmas, é normal, mas eu não consigo me habituar...

— Eu sei como é isso, quando vamos de férias eu também sinto um mambo assim esquisito.

— É..., uma pessoa passa o ano todo a **refilar** com os professores, a querer férias, mas depois as férias é que mudam as pessoas, outros já não voltam, as brincadeiras nunca mais são as mesmas, e o pior não é isso, Ró... (Ondjaki, Bom dia, camarada, 2001, p. 29)

Aguentar(/-se):

— O nome que está no despacho é teu, menina? – rebateu, com uma calma que era mais aterradora do que qualquer grito. – É teu nome que está escrito lá? Não. Então, não te cabe decidir o que é ou não é direito. Vocês **se aguentem** com o que fizeram. Eu e a minha família vamos esperar o dinheiro no fim do mês, como já tem acontecido. Não vai ser esse rapaz, o tal Cristóvão, nem tu, que vão vir estragar o que está escrito. E se quiseres meter-te nisso, minha filha, é melhor arranjares unhas longas para tocar guitarra. (Samuel, 2025, p. 31)

No domínio sintático-aspertual, a construção andar a + infinitivo confirma a produtividade da oralidade angolana na expressão da duração e da habitualidade. A sua recorrência na narrativa não só confere naturalidade ao discurso das personagens, como oferece ao leitor modelos alternativos de

Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 12/03/2026** | **aceito: 14/03/2026** | **publicação: 16/03/2026**

expressão aspectual, fundamentais para a compreensão da variedade angolana do português.

*- Camarada Diogo. Você não respeita as leis no seio do prédio. Está bem. Um porco vive com pessoas. Makas com um fiscal. Já sei. Mas agora os seus filhos **andarem a me gozar** é que eu não admito. - E entregou o cartaz nas mãos de Diogo. (Rui, 1991, p. 28)*

Em Geração da Utopia, os verbos *bocar* e a locução *mandar bocas* desempenham um papel central na construção do clima político e relacional da narrativa. Bocar, no sentido de denunciar ou comprometer alguém, emerge num contexto de vigilância, suspeita e repressão ideológica, típico dos anos que antecedem e sucedem a independência. O verbo carrega um valor pragmático forte: não se trata apenas de “denunciar”, mas de o fazer num ambiente em que a palavra pode ter consequências irreversíveis. Já mandar bocas funciona como estratégia discursiva de sobrevivência simbólica: é através da indireta, da provocação velada, que as personagens comentam o poder, expõem tensões internas e manifestam desconfiança. Pepetela integra estas formas na dinâmica narrativa de tal modo que elas se tornam instrumentos de caracterização psicológica e política, revelando relações de força, alianças frágeis e conflitos latentes. O léxico verbal, aqui, participa activamente na representação da utopia revolucionária e da sua progressiva erosão.

Bocar:

*E os encontros no café eram rápidos e quase frios, pois havia membros da Casa que também frequentavam o Pão de Açúcar e podiam **bocar**. Só Vítor estava ao corrente e ajudava-o a camuflar as coisas. Grande kamba esse Vítor, apesar de ser do Huambo. Puxava ao pai, kimbundu do Golungo, desterrado para o Huambo como enfermeiro. (Pepetela, A Geração da Utopia, 2013, p. 18)*

Mandar bocas:

Vítor deixava de ficar à vontade quando se falava do Malongo. Deve estar a esconder qualquer coisa. Que anda Malongo a fazer? Política não é de certeza, ele não se mete em nada, só manda umas bocas de vez em quando. Um encontro com uma miúda? É bem capaz, o sacana. Não gostou da ideia. Oh, pode ser outra coisa sem importância, também não vou fazer um drama. (Pepetela, A Geração da Utopia, 2013, p. 8)

Já *xinguilar*, também presente em *Geração da Utopia* e em *O tímido e as mulheres*, apresenta um campo semântico que oscila entre o ritual espiritual e a exaltação emocional. Tradicionalmente associado ao estremecimento corporal em contexto de possessão, o verbo é mobilizado literariamente para traduzir estados de intensidade — entusiasmo colectivo, fervor religioso, emoção extrema. A literatura amplia o seu alcance semântico, preservando, todavia, a matriz cultural bantu que lhe dá origem. Desta forma, o romance funciona como espaço de mediação entre tradição e modernidade, fixando na escrita uma prática corporal com forte carga simbólica.

Os panfletos para a reunião, impressos com o dinheiro de Malongo, tinham sido concebidos por uma empresa de jovens desenhadores de talento, os melhores da banda, dirigidos por um velho artista lembrando Búfalo Bill, e distribuídos pela cidade inteira durante uma

Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 12/03/2026** | **aceito: 14/03/2026** | **publicação: 16/03/2026**

semana pelos miúdos desocupados das praças, os quais tinham aprendido a gritar, no Luminar Dominus se vai revelar, com Dominus no Luminar vamos xinguilar. ((Pepetela, A Geração da Utopia, 2013, p. 134) .

Que chegou em pé de vento. Só com a carteira na mão. O motorista carregaria as compras para dentro de casa. Apenas faltou xinguilar quando viu o filho. Gritou que chega. Desde querido a malandro, usou todos os adjetivos para mostrar a sua satisfação, por um lado, para lhe recriar a ausência, por outro. (Pepetela, O Tímido e as mulheres, 2014, p. 134) .

Em *Jaime Bunda Agente Secreto*, verbos como *desconseguir* e a locução *dar maka* assumem uma função narrativa distinta, mas igualmente estruturante. *Desconseguir* traduz de forma subtil a incompetência, a hesitação e o desconforto das personagens perante situações críticas. O verbo não equivale simplesmente a “não conseguir”; ele sugere embaraço, falha humana e inadequação, reforçando o tom satírico e paródico da obra. *Dar maka*, por sua vez, cristaliza conflitos institucionais, familiares e sociais, funcionando como marcador discursivo de tensão. Sempre que surge, anuncia complicações, disputas de poder ou embaraços burocráticos, reflectindo o funcionamento disfuncional das estruturas do Estado. A presença reiterada destas formas confirma que o romance não parodia apenas comportamentos, mas também práticas linguísticas profundamente enraizadas no quotidiano urbano angolano.

Desconseguir:

– *Isso é o óbvio – disse Bunda. – E o real? Que inimigos tinha a moça?*
– *Inimigos? Com catorze anos? – mais uma vez o inspector Kinanga fez o gesto de apagar o que tinha dito, só que já era tarde. **Desconseguiu** disfarçar uma ligeira tremura, diante dos olhos esbugalhados de Jaime Bunda que o fitavam como a osga fita o mosquito.* (Pepetela, Jaime Bunda, Agente Secreto, 2001, p. 13)

Dar maka:

– *Negligência, negligência! Como entregaram o corpo do delito com o inquérito ainda a correr? – Podemos retirá-lo. Mas isso vai **dar maka** com a família. – Que dê. Ou prefere maka com o Bunker? Positivamente, o inspector tremeu. Até a barbicha de chibo tímido se sacudia vertiginosamente, acompanhando o movimento dos lábios.* (Pepetela, Jaime Bunda, Agente Secreto, 2001, p. 14)

A locução *meter-se*, com o valor pragmático de interferir indevidamente, reforça essa leitura crítica, ao expor redes de influência, ingerências e abusos de autoridade. O verbo torna-se um operador semântico essencial para compreender a lógica social que o romance denuncia: ninguém “se mete” inocentemente; meter-se implica sempre risco, interesse ou transgressão de fronteiras éticas.

– *Estou a te avisar, Cristóvão Pina. Eu vou andar, e quem **se meter** nesta maka, vai pagar. Quem cancelar o salário do meu filho vai-lhe se guir.* (Samuel, 2025, p. 35)

Em *Os transparentes*, o verbo *ximbicar* adquire uma dimensão quase filosófica. De origem

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 12/03/2026 | aceito: 14/03/2026 | publicação: 16/03/2026

bantu, o verbo ultrapassa o significado literal de improvisar ou tentar por tentativa e erro e transforma-se numa metáfora da própria existência urbana em Luanda. Ximbicar a vida significa sobreviver num contexto de precariedade, desigualdade e incerteza, onde a criatividade e a adaptação substituem a estabilidade. Ondjaki inscreve este verbo no coração da narrativa, conferindo-lhe um valor simbólico que articula língua, corpo e cidade. O léxico verbal, neste caso, constrói uma poética da sobrevivência cotidiana, profundamente ancorada na realidade sociocultural angolana.

*-Eu quero uma vara para **ximbicar** na terra mesmo: vou ximbicar a vida. (Ondjaki, Os transparentes, 2013, p. 9)*

A expressão ficar cacimbado, ainda que não sistematicamente lexicalizada como verbo pleno, assume um valor metafórico de grande densidade cultural. Ao associar um estado psicológico ao fenómeno climático do cacimbo, a língua transforma a experiência ambiental em categoria emocional. Este tipo de construção evidencia como o romance angolano converte elementos da paisagem física em instrumentos de significação interior, enriquecendo o léxico verbal com valores afectivos e simbólicos dificilmente traduzíveis por equivalentes do português europeu.

A mangueira tinha nome de gente, Mussole, mas só em alguns momentos ele assim a chamava. E nunca à frente de estranhos, aí sim, iam dizer pirou de vez, está todo cacimbado, coitado, até dá nomes a árvores. (Pepetela, A Geração da Utopia, 2013, p. 160)

Por fim, em Mayombe, o verbo bazukar representa de forma exemplar a ligação entre língua e história. Derivado do substantivo bazuca, o verbo nasce directamente do contexto da luta armada e da vivência guerrilheira. O seu uso não é metafórico nem ornamental: trata-se de um verbo funcional, operativo, que descreve uma ação concreta de guerra. Ao fixá-lo na escrita literária, Pepetela transforma um termo circunstancial do léxico militar num registo duradouro da memória coletiva. O romance assume, assim, um papel quase documental, preservando marcas linguísticas específicas de um período histórico decisivo e demonstrando como a experiência da guerra produziu não apenas narrativas, mas também novos verbos e novas formas de dizer a realidade.

Em conjunto, a análise destas obras confirma que verbos e locuções como bocar, mandar bocas, dar maka, meter-se, ximbicar, desconseguir, ficar cacimbado e bazukar não surgem como exotismos linguísticos ou regionalismos folclóricos. Pelo contrário, constituem elementos estruturantes da narração, plenamente integrados na economia textual e fundamentais para a representação da experiência angolana. O romance angolano do pós-independência afirma-se, deste modo, como espaço privilegiado de convergência entre língua, cultura e história, contribuindo decisivamente para o enriquecimento lexical do português no domínio verbal.

Propostas didáticas

A centralidade do verbo enquanto núcleo semântico da frase pode ser explorada pedagogicamente por meio de práticas integradas de leitura, análise linguística e produção textual (Castilho, 2010). Tais propostas devem favorecer a reflexão sobre o uso real da língua, promovendo uma gramática contextualizada e funcional.

Atividades de exploração verbal a partir do Romance

O romance constitui um recurso privilegiado para o ensino do verbo, pois apresenta diversidade de tempos, modos e estruturas argumentais em contexto narrativo. À luz da proposta de Mateus et al. (2003), o professor pode explorar aspectos como:

- a) Identificação dos verbos nucleares/principais, em excertos narrativos, por exemplo, selecionando um trecho de *A Geração da Utopia* e pedindo aos alunos que identifiquem verbos como *bocar* ou *cacimbar*, discutindo como organizam o percurso ideológico das personagens;
- b) Análise da estrutura argumental, observando construções como: “Os guerrilheiros atravessaram o rio ao amanhecer.” Aqui, pode-se analisar o sujeito agente (*os guerrilheiros*), o verbo de acção (*atravessaram*) e o complemento directo (*o rio*), bem como o complemento circunstancial (*ao amanhecer*);
- c) Observação dos tempos narrativos, especialmente o contraste entre pretérito perfeito (*avançou*) e imperfeito (*avançava*), discutindo como o primeiro marca progressão pontual e o segundo cria pano de fundo descritivo;
- d) Reflexão sobre mudança modal, transformando enunciados indicativos em conjuntivos, analisando o efeito hipotético e a alteração do valor semântico: “Eles acreditavam na vitória.” → “Se eles acreditassem na vitória...”

Estratégias de leitura orientada

A leitura orientada deve integrar a análise verbal como estratégia de compreensão textual. Conforme defendem Cunha e Cintra (2014), o verbo estabelece relações sintáticas essenciais à coerência frásica. No âmbito didático, podem ser adoptadas as seguintes estratégias:

1. Perguntas orientadoras centradas no verbo
 - a) Que acção está a ser descrita?
 - b) Quem é o agente?
 - c) Há mudança de tempo verbal? O que isso significa?
2. Mapeamento de eventos



Ano VI, v.1 2026 | submissão: 12/03/2026 | aceito: 14/03/2026 | publicação: 16/03/2026

a) Construção de uma linha temporal com base nos verbos do texto.

b) Identificação de verbos de ação, de estado e de processo.

3. Análise do valor aspetual

a) Comparação entre “fazia” e “fez”, discutindo a diferença entre habitualidade e ação pontual.

Num contexto como o angolano, em que muitos alunos aprendem o português como segunda língua, esta abordagem ajuda a consolidar a relação entre forma verbal e significado discursivo, reduzindo dificuldades de concordância e regência.

Produção textual com foco nos verbos

A produção textual constitui o espaço privilegiado para consolidar a aprendizagem verbal. Segundo Castilho (2010), a gramática deve emergir do uso e retornar ao uso. Neste sentido, podem-se propor as seguintes práticas no âmbito da produção textual com foco nos verbos:

1. Reescrita com alteração verbal

a) Reescrever um texto narrativo no presente;

b) Transformar um relato no modo indicativo para o modo conjuntivo.

2. Produção orientada por tempos verbais

a) Escrever uma narrativa no pretérito perfeito;

b) Produzir um texto descritivo com predominância de verbos de estado.

3. Oficina de revisão verbal

a) Identificar erros de concordância verbal;

b) Ajustar regência verbal inadequada;

c) Discutir interferências provenientes da língua materna.

É importante que o ensino do verbo supere a memorização mecânica de paradigmas, integre uma análise sintática que valorize a dimensão lexical do verbo, leitura e produção textual, considere a língua materna dos alunos e valorize textos literários nacionais como suporte didático. Dessa forma, pode-se promover uma gramática reflexiva, contextualizada e funcional, alinhada com uma didática da língua consciente, intencional e orientada à competência comunicativa.

Considerações finais

O presente artigo demonstrou que o romance angolano do período pós-independência constitui um instrumento didático de elevado valor para o enriquecimento do léxico verbal dos alunos do ensino secundário. Ao articular leitura literária, análise linguística e produção escrita, evidenciou-se que o verbo, enquanto núcleo semântico da frase, desempenha um papel determinante na construção

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 12/03/2026 | aceito: 14/03/2026 | publicação: 16/03/2026

do sentido, da temporalidade e da progressão discursiva. A exposição sistemática a textos narrativos nacionais permite ao aluno contatar com uma diversidade significativa de verbos, contextualizados em situações históricas, sociais e culturais próximas da sua realidade.

A análise de verbos recorrentes em romances angolanos confirmou a riqueza e a expressividade do léxico verbal presente nessas obras, marcado por campos semânticos ligados à luta, à reconstrução, à memória, à transformação social e ao cotidiano urbano e rural. Tal diversidade favorece o desenvolvimento da competência comunicativa, uma vez que amplia o repertório lexical ativo dos alunos e promove uma compreensão mais profunda dos valores aspetuais, temporais e modais do verbo em uso real da língua. A proposta de elaboração de um glossário verbal, ancorado na literatura nacional, reforça essa aprendizagem, sistematizando o léxico e facilitando a sua apropriação consciente.

Dessa forma, o romance angolano afirma-se como recurso pedagógico privilegiado para o ensino do léxico verbal na escola angolana, contribuindo para uma didática da língua mais contextualizada, reflexiva e funcional. A sua integração no ensino não só valoriza a literatura nacional, como também responde às exigências de uma educação linguística orientada para o desenvolvimento da competência comunicativa, da consciência linguística e da identidade cultural dos alunos.

Referências

- Bauer, L. (2003). *Introdução à linguística: aspectos do léxico e aquisição de palavras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bloom, P. (2000). *Como as crianças aprendem o significado das palavras*. MIT Press.
- Borba, F. S. (1996). *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática.
- Castilho, A. T. (2010). *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- Clark, E. V. (2003). *Aquisição da primeira língua*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cunha, C., & Cintra, L. F. (2014). *Nova gramática do português contemporâneo (6ª ed.)*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Damiani, F. (2001). *Leitura e ensino da língua: estratégias para a compreensão e produção textual*. São Paulo: Cortez.
- Ervedosa, C. (s.d.). *Roteiro da literatura angolana (4ª ed.)*. Estudos.
- Ferreira, A. B. (2006). *Vocabulário e ensino da língua portuguesa*. São Paulo: Atual.
- Kato, M. (2003). *Ensino de vocabulário em textos literários: práticas e estratégias*. Campinas: Pontes.



Ano VI, v.1 2026 | submissão: 12/03/2026 | aceito: 14/03/2026 | publicação: 16/03/2026

Leite, A. M. (s.d.). *Oralidade e escrita na literatura africana*. Lisboa: Calibri.

Luft, C. P. (2010). *Dicionário prático de regência verbal* (9ª ed.). São Paulo: Ática.

Mateus, M. H., Brito, A. M., Duarte, I., & Hub Faria, I. (2003). *Gramática da língua portuguesa* (5ª ed.).

Lisboa: Caminho.

Ondjaki. (2001). *Bom dia, camarada*. Lisboa: Caminho.

Ondjaki. (2013). *Os transparentes*. São Paulo: Companhia das Letras.

Pepetela. (2001). *Jaime Bunda, agente secreto*. São Paulo: Leya.

Pepetela. (2013). *A geração da utopia*. São Paulo: Leya.

Pepetela. (2014). *O quase fim do mundo*. Luanda: Texto Editores.

Pepetela. (2014). *O tímido e as mulheres*. São Paulo: Leya.

Piaget, J. (1975). *A linguagem e o pensamento na criança*. Lisboa: Moraes.

Rui, M. (1991). *Quem me dera ser onda*. Lisboa: Edições Cotovia.

Samuel, H. (2025). *A nomeação do morto*. São Paulo: Alupolo.

Saraiva, S. (2016). Boaventura Cardoso e o romance angolano: revisto e actualizado. *Revista de Letras*, 59–65.

Silva, R. C. (2010). *Aquisição de vocabulário e leitura literária no ensino básico*. Rio de Janeiro: Vozes.

Tchindombe, B. (2008). *O que a África não disse*. Luanda: INALD.

Vygotsky, L. S. (1987). *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Martins Fontes.